



FREQUÊNCIA E PREVALÊNCIA DE QUEIXAS DE SINTOMAS OSTEOMUSCULARES EM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

BRANCO, Jerônimo¹; SILVA, Felipe Guido¹; LEITE, Aline Silveira¹; MATTOS, Betina Zell²; VITÓRIA Pamela².

1 Curso de Fisioterapia, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas RS Brasil

2 Universidade Federal de Pelotas. Pelotas RS Brasil

R. Hugo Veiga 262 - Pelotas RS – CEP 96015350 Jeronimobranco@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A docência é uma das mais antigas ocupações, anteriormente visto como uma figura essencial para a sociedade, hoje é um trabalhador que luta pela valorização e o reconhecimento social (Lemos, 2005). No Brasil o dado mais recente publicado em 2003 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, aponta que o número de funções docentes é de 2.497,918, e os professores do ensino fundamental chegam a 1.634,597 (INEP, 2003).

A carga horária excessiva e os baixos salários intervêm na qualidade de vida e no estado emocional, já que muitos destes profissionais levam para casa atividades que deveriam ser executadas no trabalho, ocasionando efeitos nocivos sobre as condições de saúde, uma vez que pode interferir no lazer destes (Sato 93). Sendo este trabalho excessivo e pouco remunerado que pode favorecer ao aparecimento de sintomas osteomusculares (Nascimento 2003). Os sintomas osteomusculares podem ser descritos como, parestesia, sensação de peso e/ou fadiga e a própria dor (Sato 93). Estudos comprovam alta prevalência destes sintomas em trabalhadores, onde os professores estão entre os profissionais mais acometidos, alcançando 93% de queixas (Fernandes 2009).

Este estudo teve por objetivo verificar a frequência e a prevalência de sintomas osteomusculares em professores do ensino fundamental da rede pública e privada da zona urbana de Pelotas-RS.

2. MÉTODO

Foi realizado um estudo transversal com professores do ensino fundamental de escolas públicas e privadas na zona urbana de Pelotas-RS no ano de 2008.

Inicialmente foi realizado um contato prévio com o Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul e a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas, para verificar a viabilidade da realização do estudo e conceder-nos a autorização.

Fizeram parte da amostra professores de seis (6) escolas, sendo três (3) delas privadas e três (3) municipais, as quais continham um número de alunos

matriculados superior a 700 no ano de 2008, e que estivessem trabalhando diretamente com os alunos em sala de aula. Foram excluídos do estudo os docentes que estivessem afastados, com licença ou não compareceram na escola durante o período de coleta de dados, além dos estagiários.

O perfil dos professores foi coletado através de um instrumento formulado pelos autores da pesquisa. Os sintomas osteomusculares foram coletados através do Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares.

Os questionários foram digitados no programa EPI-INFO versão 6.0, a análise dos dados foi no programa SPSS versão 10.0. Para tal, foi realizado frequência simples das variáveis independentes e desfecho, além da associação entre os mesmos através do teste qui-quadrado que foi considerado estatisticamente significativo quando $p \text{ valor} \geq 0,05$.

Esta pesquisa foi aceita pelo comitê de ética da Universidade Católica de Pelotas, e os professores receberam informações sobre os objetivos da pesquisa e assinaram um "Consentimento livre e esclarecido".

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 355 professores das seis escolas selecionadas 90,1% (320) participaram do estudo, sendo 23 perdas e 12 recusas. Do total pesquisado, 25% (80) trabalhavam em escolas particulares, 75% (240) em públicas. A prevalência geral de sintomas osteomusculares referido pelos docentes nos últimos doze meses foi de 89,7% (287) e 68,4% (219) nos últimos sete dias. Os resultados demonstram uma elevada ocorrência de sintomas osteomusculares, dados semelhantes a este foi observado em um estudo realizado com professores da cidade de Natal-RN, onde as queixas foram 93% (Fernandes 2009). A alta prevalência encontrada pode estar associada a diversos fatores do dia-a-dia de trabalho dos professores. Podemos destacar o fato de trabalhar muitas horas com o membro superior suspenso associado a rotação de tronco com o pescoço levemente inclinado propiciando a musculatura cervical, escapular e tóraco-lombar, a desenvolver sintomas osteomusculares (Bau, 2002).

Hoje a docência é uma atividade exercida na maioria das vezes por mulheres. Sabe-se que o trabalho feminino sofreu transformações, onde o seu papel deixou de ser somente o cuidar da casa e dos filhos, ocorrendo à emancipação da mulher (Ferreira, 2005). Neste estudo, embora o número de homens participantes (46) seja inferior ao de mulheres (274), foi encontrada maior prevalência de sintomas no sexo masculino 91,3%. Em contrapartida outros estudos apresentam que a maior prevalência de sintomas osteomusculares é no sexo feminino:

Dos professores que apresentavam algum tipo de sintoma 35,5% tinham idade entre 21 e 35 anos, 33,1% tinham de 36 a 44 anos e 31,4% tinham de 45 a 69 anos, verificando que quanto menor a idade, maior foi a prevalência de sintomas. Dados também encontrados em um estudo realizado com professores do interior de São Paulo (Carvalho, 2008). Apesar da idade não apresentar associação significativa com a presença de sintomas, os professores de mais idade apresentaram maior número de sintomas osteomusculares em membros inferiores 60,2%; ($p=0,01$), estando relacionado ao envelhecimento, pois a elasticidade dos tendões, ligamentos e cápsulas articulares diminuem devido a deficiências do colágeno, acarretando em restrição da mobilidade, amplitude de movimentos e flexibilidade das articulações. A sobrecarga das articulações, em particular, aquelas que suportam peso e fazem

movimentos em excesso, provoca um processo degenerativo de desgaste da cartilagem ocasionando dor (Silva 2008).

A fim de verificar a prevalência por segmento mais afetado, foi agrupado o corpo humano em três regiões (coluna vertebral, membros inferiores e membros superiores). Do total de professores que relataram a presença de sintomas osteomusculares em alguma parte do corpo 79,7% apresentaram na coluna vertebral, sendo esta o maior alvo de queixas; 67,4% na região dos membros superiores e 45,9% na região dos membros inferiores. A coluna dorsal foi o local mais acometido com 54,1% (173) seguido do pescoço com 50,9% (163) e a lombar com 49,1% (157) (*Tabela 1*). Resultados semelhantes são encontrados em pesquisas realizadas com professores, enfermeiros e metalúrgicos, porém o segmento da coluna vertebral mais referido foi a região lombar.(Carvalho 2008; Gurgueira, 2003; Picoloto, 2005).

A respeito da Frequência dos sintomas osteomusculares a maioria dos professores classificaram como freqüente esse tipo de sintomatologia, tanto nos últimos doze meses como nos últimos sete dias. Dos 287 que relataram sintomas osteomusculares, 33,7% (97) relataram seus sintomas osteomusculares serem sempre (dor continua) (*Tabela 1*), isto pode estar associado aos mecanismos fisiopatológicos referidos na gênese do problemas, que engloba contrações contínuas e aumento da pressão intramuscular, interrupção do aporte sangüíneo e compressões de feixes nervosos, levando a sofrimento muscular crônico (Silva 2008).

No que concerne à capacidade funcional, 36,6% (105) não conseguiram realizar suas atividades normais nos últimos 12 meses devido à presença dos sintomas ($p=0,00$), o grande número de docentes que relataram à incapacidade de realizar algum tipo de suas atividades normais pode estar associado a inúmeros fatores ocorridos dentro e fora da escola, sendo a alta prevalência de sintomas osteomusculares, as condições ergonômicas insatisfatórias e o grande número de profissionais que desempenham alguma atividade além da docência, acontecimentos que podem contribuir para esta incapacidade.

Tabela 1 Região anatômica em relação à prevalência e a freqüência de sintomas osteomusculares, nos últimos 7 dias e 12 meses.

	Prevalência de sintoma				Frequência dos Sintomas					
	12 meses		7 dias		12 meses			7 dias		
	n	%	n	%	Raro %	Frequênte %	Sempre %	Raro %	Frequente %	Sempre %
cervical	157	49,1	85	26,6	44,2	44,2	11,6	29,4	45,9	24,7
ombro	177	45,9	89	28,7	34	52,4	13,6	34,8	40,4	24,8
cotovelo	38	11,9	23	7,2	39,5	50	10,5	34,8	34,8	30,4
antebraço	67	20,9	37	11,6	40,3	46,3	13,4	18,9	62,2	18,9
mão	123	38,4	69	21,6	37,4	44,5	17,1	29	42	29
dorsal	173	54,1	94	24,9	44,2	44,5	13,3	28,7	48,9	22,3
lombar	157	49,1	94	24,9	38,2	43,3	18,5	30,9	40,4	28,7
quadril	41	12,8	22	6,9	43,9	53,7	2,4	31,8	59,1	9,1
joelho	90	21,8	52	16,3	55,6	31,1	13,3	38,5	32,7	28,8
pé	20	6,3	56	17,5	25	30	45	26,8	46,4	28,6

4. CONCLUSÕES

Diante dos dados expostos o presente estudo apresentou alta prevalência de sintomas osteomusculares esses sintomas sendo freqüentes, em professores da cidade de Pelotas/RS, destacando que a coluna vertebral foi o segmento corporal mais afetado. Sugere-se a realização de novos estudos para investigar outras variáveis que podem influenciar a alta prevalência de sintomas osteomusculares nesta população e também a necessidade de políticas escolares voltadas ao cuidado da saúde dos professores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BAU, L.M.S. **Fisioterapia do Trabalho: Ergonomia - Legislação - Reabilitação**. Curitiba:Clã do Silva; 2002.

CARVALHO A.J.F.P., ALEXANDRE N.M.C. **Sintomas osteomusculares em professores do Ensino Fundamental**. Rev. bras. fisioter. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552006000100005&lng=. doi: 10.1590/S1413-35552006000100005.

FERNANDES M.H., ROCHA V.M., OLIVEIRA A.G.R.C. **Fatores associados à prevalência de sintomas osteomusculares em professores**. Rev. Saúde Pública. Março/Abril 2009, vol.11, no.2, p.256-267

FERREIRA E.P.V. **“Onde está a margarida”. Um estudo de caso sobre a mulher gari em Anicuns-GO**. [Dissertação]. Anicuns – GO: Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns , FECHA, 2005.

GURGUEIRA G.P., ALEXANDRE N.M.C., CORRÊA F.H.R. **Prevalência de sintomas músculo-esqueléticos em trabalhadoras de enfermagem**. Rev. Latino-Am. Enfermagem 2003 [acesso em: 25 Mar 2009];11(5):[aproximadamente 5p.]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692003000500007&lng=. doi: 10.1590/S0104-11692003000500007.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística 2003**. 2003.

LEMOS J.C. **Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários** (Tese-Doutorado) Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. 2005.

NASCIMENTO G.M. **Estudo do absenteísmo dos trabalhadores de enfermagem em uma unidade básica e distrital de saúde do município de Ribeirão Preto – SP** [Dissertação]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2003.

PICOLOTO D.S. **Prevalência de sintomas osteomusculares e fatores associados em trabalhadores de uma indústria metalúrgica de Canoas - RS**. Ciênc. saúde coletiva 2008. [acesso em: 25 Mar 2009]; 13(2):[aproximadamente 9p.] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000200026&lng=. doi: 10.1590/S1413-81232008000200026.

SATO L., ARAUJO M.D., UDIHARA M.L. **Atividade em grupo com portadores de L. E. R. e achados sobre a dimensão psicossocial**. Rev. Brasileira de Saúde Ocupacional. Ago 1993; 79(21):49-62.

SILVA G.L.F., ROSSO A.J. **As condições do trabalho docente dos professores das escolas públicas de Ponta Grossa PR**. VIII Congresso Nacional de Educação EDUCERE. 2008; Curitiba. Formação de Professores, [aproximadamente 11 p.]